LAUDELINAS

VOL.I N°22.2026

MIRADA

MIRADA

EXPEDIENTE

LAUDELINAS

Volume I. Número 22.2026
ISSN 2675-6803
Mirada | www.miradajanela.com
Recife – Pernambuco
www.revistalaudelinas.com.br
Maio de 2026

EDITORA-CHEFE

Taciana Oliveira

DESIGNER E PROJETO GRÁFICO

Taciana Oliveira

CAPA

Arte gráfica inspirada na fotografia da matéria " Protestos contra o feminicídio acontecem em diversas regiões do País" da Times Brasil

FOTOS

Unplash e Pexels

AGRADECIMENTOS

João Gomes da Silva - Revista Vida Secreta

ÍNDICE

04 Índice

07 Apresentação | Taciana Oliveira

10 Poemas de “não existe guarda-chuva pra quando chove de cabeça para baixo” | Flávia Tedoro Alves

16 Palco Banguela | Maria Emanuelle Osório Prates

24 Histérica | Mariela Mei

31 Banho de gato | Iaranda Barbosa

32 Desabrigo | Iaranda Barbosa

33 Mente Hiperativa, Oficina de Texto | Iaranda Barbosa

38 Recolher | Daniela Camargo

42 Virgínia | Argentina Castro

50 Duas Peças | Conceição Rodrigues

54 O curioso incidente do cachorro no meio da noite | Yvonne Miller

60 Os mesmos de sempre | Lisa Alves

68 Sobre existir, na prática | Germana Accioly

77 Trago Fogo | Danielle Freitas

80 Forma e Matéria| Danielle Freitas

82 Trecho do livro “do tamanho de um grão | N. Netta

88 Presta Atenção: Pãe não existe!| Mila Nascimento

98 Morre lentamente na Faixa de Gaza | Paula Valéria Andrade

100 Supermodelos | Paula Valéria Andrade

107 Xerifes do submundo | Paula Valéria Andrade

109 Wardrobe - Guarda-roupas - Kleiderschrank | Paula Valéria Andrade

112 Poema do livro “Candura”| Alice Monteiro Puterman

116 Olhos de damasco, olhos de mel | Cinthia Kriemler

125 Coluna | Adriane Garcia

126 Pulmões | Adriane Garcia

127 Pericárdio | Adriane Garcia

130 Poemas de Corpo-Ilha: Poemas de Travessia | Luciana Pinto

134 Estado de Espírito | Luciana Pinto

138 Pequena República de Poemínimos | Silvana Guimarães

148 Liturgia | Taciana Oliveira

#LAUDELINAS

Marjane Satrapi | Foto: Joel Saget | Agência France-Press

APRESENTAÇÃO

A violência e a morte invadem diariamente as telas dos nossos celulares. A tecnologia, capaz de conectar continentes em segundos, também nos obriga a testemunhar, em tempo real, a destruição de vidas, corpos e sonhos. Entre notificações, vídeos e manchetes, acompanhamos uma escalada de horror que parece não ter fim.

No Brasil, os números ajudam a dimensionar essa exaustão. Em 2024, com levantamento do Retrato dos Feminicídios no Brasil, divulgado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, foram registrados 1.568 feminicídios, o equivalente a quatro mulheres assassinadas por dia e o maior índice desde que o crime passou a ser tipificado, em 2015. Em cerca de 80% dos casos, o autor era o companheiro ou ex-companheiro da vítima. Mais de dois terços dos assassinatos ocorreram dentro da própria residência. As estatísticas ainda revelam o peso das desigualdades raciais: 62,6% das vítimas eram mulheres negras. Metade das mulheres assassinadas tinha entre 30 e 49 anos, mas os números incluem também meninas menores de 18 anos.

As guerras persistem em produzir viúvas, órfãs e refugiadas. Mulheres e crianças seguem entre as principais vítimas dos conflitos armados que

atravessam o planeta. No Brasil, meninas vítimas de estupro enfrentam barreiras institucionais que dificultam o acesso a direitos já garantidos pela legislação. Debates dessa natureza revelam algo mais profundo: a persistência de mecanismos de controle sobre os corpos femininos (PDL *3/2025*). Não se trata de proteção. Trata-se de **PODER**.

Diante de tudo isso, o cansaço é natural e legítimo.

Mas a *Laudelinas* não nasceu para celebrar o esgotamento. Nasceu para registrar permanências, construir diálogos e reverberar vozes. Nesta edição, reunimos vinte autoras. Vinte formas distintas de olhar o mundo e transformá-lo através da palavra, da arte, da pesquisa e da reflexão. Publicar mulheres sempre será um gesto político. Vivemos um período que exige atenção, memória e responsabilidade coletiva. A história recente nos ensinou que direitos podem ser fragilizados, instituições atacadas e preconceitos legitimados quando a sociedade se afasta do diálogo democrático e da defesa incondicional dos direitos humanos.

Por isso, torna-se cada vez mais urgente fortalecer redes de apoio, construir pontes e destacar valores que não podem ser negociados: o respeito à diversidade, a igualdade de gênero, a justiça social e a proteção das populações historicamente vulnerabilizadas.

Faço aqui uma autocrítica necessária. Às vezes, o cansaço nos dispersa, nos isola e nos faz acreditar que nossos esforços são pequenos diante da dimensão dos conflitos. Mas talvez seja justamente nesses momentos que a união se torne mais necessária e que a produção artística e científica precisem ocupar mais espaço. O cansaço faz parte, mas sigamos adiante:

🎶 Só mesmo rejeita*
Bem conhecida receita
Quem, não sem dores
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar🎶

Taciana Oliveira
Editora

PS: Conheçam nosso espaço virtual e façam o download gratuito da revista em
www.revistalaudelinas.com.br

**Triste, Louca ou Má, canção de Francisco, el Hombre, 2016*

POEMAS DO LIVRO “NÃO EXISTE GUARDA-CHUVA PRA QUANDO CHOVE DE CABEÇA PRA BAIXO”

FLÁVIA TEODORO ALVES

CANTO PRA ANA MENDIETTA

Neste dia de Finados,
saúdo minhas avós.
(Não que os avôs não importem.
Um deles até me deu seu sobrenome.)
É que são elas
que marcam minha silhueta
quando me deito na terra.

ABISMO

deles ficam abismados
quando descobrem
que minha revolta

não é teórica

eles ficam abismados
quando descobrem
que minha revolta

não é retórica

eles ficam abismados
quando descobrem
que minha revolta

qbate no útero
e volta

eles ficam abismados
quando descobrem
que minha revolta
não é só minha

é histórica

Foto: Fernando Moraes

FLÁVIA TEODORO ALVES (São Paulo, 1982) é arte-educadora, pesquisadora, escritora, servidora pública, artista de rua, performer e atriz. Autora de "Toda reza é tentativa de telecinese" (2023) e outros trabalhos poéticos, sua escrita é marcada pelo fragmento, pelo intuitivo e pelo engajamento com questões sociais. Vive e trabalha na Brasilândia, onde também atua como professora na rede pública. É mestra em Artes pela Unesp e pós-graduada em Formação de Escritores pelo Instituto Vera Cruz. Em 2024, foi semifinalista na categoria Poesia Publicada do Prêmio Loba Festival.

O SILÊNCIO
MATA

PALCO BANGUELA

MARIA EMANUELLE OSÓRIO PRATES

PALCO BANGUELA

quando estiveres no ringue
que viu teu fêmur
tornar-te menino

lembra-te da ingremidade
das ribanceiras
belorizontinas

com o ritmo
de um mindinho
esquerdo nocauteado

lembra-te do primeiro beijo
do primeiro soco moldado
pela saliva

todos os dentes
na plateia
têm o sotaque híbrido
de tua bisavó
que nunca conheceste

mas foi ela quem te deu
um nariz-mitocôndria
para fraturar

dou-te um round
para que ele tenha
teu nome:
basta ficar na beira,

como um pássaro
esticando as asas
brincando de ser grande
em pose de deimatismo

como uma criança
sentada no quarto
para as paredes rosnando
esperando o escuro passar

para entrar no ringue
é preciso subir
no palco banguela
sabendo que
para o ataque
para a defesa
para o afago

os pugilistas usam
apenas os punhos

o único ticket de entrada
é a poeira acumulada
em tuas rachaduras

para chegar a este ringue
é preciso ser
o teu próprio cutman

remendar tuas feridas
com massinha de modelar
e a luva de espuma-espera

em ringues oficiais:
um corner é azul
o outro, vermelho
os outros dois restantes
– brancos
a observar

os dentes
de quem sangra
de quem espera
de quem nunca saiu
deste ringue.

se seguram
sem trocar socos
chamamos de *clinch*
e não *draw*

porque *draw* usamos no amor –
quando uma luta empata
ou se anula

no amor
ninguém nunca vence

se não vences a partida
constrói teu próprio golpe
como fuselo
com ânsia de migrações

sabendo que as mãos
são tua única ferramenta

para fundar um bico específico
adequado à dureza
e ao tamanho das tuas sementes

e ao saber onde estão
as cordas do tablado
poderás ser um gato
a ignorá-las

---

*Poema do livro “Pugilismo, segundo Lauren L” (Selo Cpitolinas, 2025)

MARIA EMANUELLE OSÓRIO PRATES CARDOSO - Nasceu em Montes Claros (MG) em 15 de novembro de 2000. É autora de amarelo mostarda (Editora Nauta, 2024; semifinalista Prêmio Loba 2025), Pugilismo, segundo Lauren L., (Selo Capitolinas, 2026), Flor na Mulera (Sertão Pasárgada, 2026, no prelo) e Foram os peixes a inaugurar a linguagem (Macabéa Edições, 2026, no prelo). Integra a Equipe de poetas da FaziaPoesia e é membro do Coletivo Escreviventes e do Neomarginais. Possui textos publicados em mais de 60 revistas em português, inglês e espanhol. É etnoecóloga e doutoranda em Biodiversidade e Uso dos Recursos Naturais (PPGBURN) na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Atua como educadora popular e ativista socioambiental. Desenvolve pesquisas em territórios tradicionais e investiga o papel das redes de troca na adaptação diante da incerteza socioambiental.

HISTÉRICA

MARIELA MEI

HISTÉRICA

Meu corpo carrega um útero
de volume, contornos
e texturas normais.
Sem outras alterações.
Em seu nome,
junto ao meu quando nasci
carrega também um decreto
o destino
de não manter-se seco
infértil e leve
a ponto de se deslocar.
Que haja vida neste útero,
um algo que o preencha
para que dele se faça uso.
Mesmo que breve

pretexto
tentando chegar ao útero
enterre-se
entranhe-se
obrigue-se
force-se
enfie-se,
o útero por decreto
há de tornar-se conveniente
favorável pesado imóvel.
Quando leve, se desloca –
des-louca –
é um útero sintomático.
Designado ao descontrole
e ao vácuo
ou aos desmandos, desatino.
É um útero estranho.
Que vaga pelo corpo como vontade
e por destino deve ser contido.

Devem ser contidas as vontades
o arroubo, o desejo
o apetite do útero.
De existir além do projeto
de receptáculo
da vida ou do trauma
do sangue ou do ferro
de gente ou de morte.
Um útero que grita
enlouquece e transgride
é um útero que se move
para além do destino escrito
pelos homens.
É fêmea, livre, soberana
louca desvairada,
dança sobre os corpos
opressores,
emancipada.

MARIELA MEI nasceu no interior de São Paulo. Escritora e poeta, participou de diversas ações de divulgação literária, e teve textos publicados em revistas e jornais literários e antologias e plaquetes no Brasil, em Portugal e na Alemanha, além de ter sido colunista de sites de cultura. É autora dos livros de poesia "Bolas de Gude" (Ed. Multifoco/Flaneur – 2011) e "Fluxo-verso" (Ed. Oitava Rima – 2014), e do livro de contos "desquerência" (Ed. Patuá – 2025).

Foto de Shane na Unsplash

DESABRIGO

IARANDA BARBOSA

BANHO DE GATO

A literatura me lambe
Desliza queratina áspera
Na pele das palavras mortas
Retira odores de línguas intrusas
Vomita emaranhados de nós
Me aranha os olhos com saliva
Esfrega o corpo no território marcado
Banha minhas partes íntimas
Me contorce de agonia e afeto
Afia as unhas no tecido vivo
No ronronar da catarse

DESABRIGO

Minha solidão é terreno baldio
Fio de cobre roubado
Cachorro abandonado na estrada
Criança esquecida dentro do carro

Minha solidão é sussurro
Gemido embaixo do chuveiro
Pão mofado na sacola
Lâmpada queimada

Minha solidão é sertão de tensões
Ecos no solo rachado
Gritos na secura das pedras
Assobios no espinho da cobra

MENTE HIPERATIVA, OFICINA DE TEXTO

Estava esses dias no dentista e, durante o tratamento, me dei conta do quão eróticas são as orientações dele, ou dela, não importa. Eu, no auge da minha gaiatice, segurava o riso enquanto ouvia “abra um pouco mais”, “ainda não está entrando”, “vou introduzir mais profundo. Se doer, me avise, eu tiro ou paro”, “tá bom assim?”, “prefere anestesia ou não liga para a dor?”.

Desviei o olhar do olhar do dentista. Foquei na densidade ao mesmo tempo rígida e confortável da cadeira, na marca dos equipamentos, no símbolo bordado no jaleco, no teto pintado de marfim, nas próteses em cima da mesa, nas ilustrações de sisos, molares, incisivos e presas, cujos nomes mudaram para números, pois agora se diz: “restauração no 23”, “canal no 42”, “aplicação de resina no 48”. Peraí! 48? Não eram 32 dentes o máximo de dentes em um ser

humano? A exceção de Freddie Mercury, com 36. A hiperdontia lhe deu o dom de alcançar notas inalcançáveis para muitos mortais. Mas, excluindo esse raro fenômeno que a natureza nos presenteou em forma de artista, de onde vêm esses 16 dentes a mais na contagem?

Lembrei da conversa entre o dentista e a assistente. O dente no qual ele trabalhava era o 24, “antigo” pré-molar. Na semana anterior, resolvi uma retração gengival no 13 cujo nome para mim seguirá sendo “presa” ou “canino”, pois gosto da sonoridade, do outro lado da boca, também na parte superior. Então, montei uma sequência lógica e concluí que eles iniciam pelo 11 e não pelo 1. Me senti a própria Mileva Marić realizando cálculos, criando fórmulas e teorias. “Vou precisar de uma mais fina, porque a minha é muito grossa”. Era a voz do doutor – doutor!? – pedindo outra broca e me puxando para a lascívia, ao vê-lo sobre mim, semelhante ao papai e mamãe.

O cheiro do látex da luva me fez refletir sobre o fato de os odontologistas não usarem perfume. Estariam conscientes da potencial sensualidade da profissão e evitariam, assim, comentários inconvenientes por parte dos pacientes? Ora, como comentar se estamos com a boca aberta e cheia de equipamentos?

"Preciso de mais algodão. Tá muito molhada". "Posso continuar ou está doendo?" "Se doer eu paro". E minhas respostas se resumiam a "uhum" "aham", "humrum" e outras interjeições similares a gemidos, que me fizeram lembrar do capítulo LV, de Memórias Póstumas de Brás Cubas. Sim, é verdade, bruxo do Cosme Velho, vivemos em função desse eterno diálogo de Adão e Eva, haja vista o fato de que, findado o procedimento, quando estava na iminência de sair da sala, ouço o dito-cujo me pedir para fazer a avaliação do atendimento através de um link. Imaginei a primeira pergunta: "Foi bom pra você?".

IARANDA BARBOSA - Doutora em Teoria da Literatura UFPE, Mestra em Teoria da Literatura (também pela UFPE) e graduada em Letras Português/Espanhol, pela mesma instituição. Doutorado na Pontificia Universidad Católica del Perú. Autora dos livros *Salom*é (Mirada, 2020) *Palavras de Silêncio* (Mirada, 2022) e *Ponto de Luz* (Mirada, 2024). Organizou e foi curadora das coletâneas: *Antologia das Mulheres Pretas* (Mirada, 2021), *Artemísias: vozes de libertação* (Mirada, 2021) – traduzido para o espanhol –, *As várias faces da Perna Cabeluda* (Mirada, 2023) e *Nativas, mestiças e transoceânicas: o poderio feminino em Abya Yala* (UFFRPE, 2023). Atualmente é professora adjunta da Universidade Estadual da Paraíba.

Acesse: clica aqui

RECOLHER

DANIELA CAMARGO

RECOLHER

Se me procurar, não estou!

Sai para pensar,

Respirar no tempo que me vier,

Sentir o corpo pulsando,

Ou ressonando…

Sai para ter tempo!

Fui treinar a escobilla, ou a chamada!

Saí de fininho e só fiquei.

Só!

Instante meu! Concentrada!

Abstraída do todo,

Como uma bolha de sabão,

Conduzida no vento.

Sai um instante!

Espere que já retorno!

Ou não!

Talvez me demore, no prazer de um chá, ou café!

Um livro, escondida no quarto!

Ou simples, um horizonte

No olhar…

Uma pausa

Um ar!

Pra mim…

DANIELA CAMARGO, Campinas-SP. Aprendeu poesia com sua mãe professora. Cursou a Escola de Débora Porto. Publicou em coletâneas Um Teto Todo Nosso (Ed. Polifonia), Poetas Brasileiros (Ed. Persona), Catarsis (Ed. Fenixart), 100 Poetas Vivos (Ed. TAUP), Antologia Campinas Literária (Ed. Oficios Terrestres). Seu poema “Vida” foi semifinalista no Pena de Ouro da CBL. Seus livros publicados são: prosa sobre violencia doméstica - “Vi (Hi)torias de Uma Mulher”(Kindle), e de poemas - “Movimentos” (Ed. Minimalismos) e “Singrar Intempéries” (premiado no Primeiro Concurso Escritoras Brasileiras).

VIRGÍNIA

ARGENTINA CASTRO

VIRGÍNIA

Feliz e na casa dos seus sonhos, Tereza Eulália observava, da janela do quarto, as folhas de bananeiras e das árvores do quintal. O vento levemente as conduzindo, lembrava a imagem de um pescador, ao longe, no mar, navegando sua canoa e querendo chegar em terra firme. Ocorreu-lhe, neste exato instante, um sentimento raro de paz, mas devia estar louca. Era improvável a paz e o silêncio lhe habitando naquela solidão tão desejada. Lembrava da guerra que foi chegar até ali, os mais terríveis abismos, o caos prosseguido e sem aviso de finitude.

Parada, diante da janela de vidro, sentiu o cheiro dos seus cabelos quando o vento entrou e, abandonando as canoas, passou a navegar dentro dela. Sentiu culpa e melancolia pela vida confortável que conquistara. E assim, quieta, na solidão que pediu a Deus, sentia-se infeliz. Às vezes", pensou, "Deus brinca comigo e com quem lhe pede misericórdia. Tantas vezes pedi essa paz que sinto agora,

sem gritos, sem barulho de tiro e o cheiro quente da morte precoce de corpos negros ao redor de tudo aquilo que fui e me fez, hoje, ser o que sou".

Tereza era uma mulher que escrevia para tentar desfazer os nós causados pela dor de ter existido num lugar onde a pobreza roubava-lhe os sonhos, e putrefava a dose mínima de esperança que chegava nas raras noites em que dormia bem. Tinha medo! Medo que o pouco que a família possuía, faltasse, da mesma forma que faltou um dia a presença do pai e da mãe. Faltou também a roupa bonita que via nas vitrines e a beleza anunciada na TV. Já adulta, achava desumanos esses padrões de encher olhos e ouvidos de quem sequer conseguia ter alma para dar.

Passou a sangrar os pulsos. Da última vez, foi mais fundo, mas não tão profundo quanto a dor de estar sozinha no meio da noite em uma casa cheia de gente. Cheia de gente, mas vazia. "Afinal", pensou alto, "quem aguenta a brutalidade de ser só no mundo quando se é criança?".

Sempre ouviu dos mais velhos que pai e mãe têm que proteger e alimentar até que os filhos fizessem os dezoito anos e pudessem cuidar de si, sozinhos feito cães sem dono. Virar adultos.

A rejeição tem um peso descomunal e Tereza Eulália jamais conseguiria carregar e, por isso, não admitia. “Eu mesma nunca fui cão sem dono e, se tivesse sido, não sei se teria chegado até aqui com esses punhos e mãos que agora escrevem. Mas o que quero mesmo dizer...”, falava para si mesma, enquanto lembrava que não lavava os cabelos há duas semanas, “...é, se pudesse, plantaria essas árvores fincadas diante dos meus olhos, dentro do meu peito para, quem sabe, bons ventos corressem leves em meu sangue grosso e pesado que tateia este corpo de cinco décadas”.

O vento bateu a porta do quarto com força. Por um instante, pareceu que o barulho lhe devolveu à realidade. Em outro, fugia. “Meu Deus, eu vivo há

meio século e, somente agora, consegui finalmente um teto. Noventa e sete anos depois de Um Teto Todo Seu, eu e tantas mulheres, permanecemos encarando a sentença de Virginia de que seguimos sós e não há braços a nos dar suporte. “Ah! Se Virgínia pudesse me ouvir, eu diria o quanto este quarto tem sido tão pouco para mim”. Tereza falava de forma vertiginosa e com voz embargada. Ao seu redor, paredes cheias de enfeites, quadros, fotografias, poemas. Tudo ali, suspenso, e em silêncio, preso com pregos enferrujados. “Não posso reclamar!”, disse em voz alta. Sua mãe cristã ensinara-lhe a agradecer e é tão difícil desaprender certas coisas. “Há, afinal, tantas pessoas em situação de rua. Mais de dez mil pessoas nessa condição, e oitenta por cento são negras, nesta cidade de aparente beleza”. Teresa gritou um ensurdecedor “Virginiaaaa!!”. Andando sem parar dentro do quarto, dizia: “eu moro em um país tão

desigual, Virginia!”. Chorando, clamava: “Virginia, me empresta teu teto, teu sangue europeu. Este teto não é meu, Virginia, não é meu! Eu não consigo dormir e sonho demais, Virginia. Estou tão cansada, Virginia, tão cansada. Sim, aceito teus bolsos cheios de pedras, Virginia, eu aceito”.

ARGENTINA CASTRO é poeta, contista, cronista e artcolagista. Escreveu Bomba D'água Coração (Selo Mirada, 2022 livro de contos e o infantil Poesia, o Pão Nosso de Cada Dia (Selo Mirada, 2023) e Cartas Para Tua Ausência (Selo Mirada, 2024). Participou de algumas antologias entre elas Relicário, Paginário, Sibilas, O olho de Lilith, Fortaleza Ilustrada, Farpas e À Nossa Fortaleza. Foi selecionada no Edital Arte Como Respiro (Itaú Cultural - 2020). Recebeu o Prêmio Cultures Of Resistance Award (Iara Lee Fouder). É idealizadora, fundadora e articuladora da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias em Fortaleza–CE. Revisora crítica, colaboradora na revista Mirada Janela Cultural e Antropóloga.

DUAS PEÇAS

CONCEIÇÃO RODRIGUES

DUAS PEÇAS

Somos feras à noite, rugindo. Duas peças novas virão, fresquinhas. Vimos no noticiário que estavam a caminho e os formigamentos de paus começaram coletivamente.

Você vem? Mas é claro. Vamos limitar o número de convidados dessa vez, da outra deu BO por conta daquela fofoqueira do caralho. Então tá certo. No máximo vinte caras, tá bom? Tá beleza assim, vinte , estourando…

Deus não me desampara, disse eu no mais completo desamparo na hora de morrer, foi o ônibus que agora pareceu imenso vindo em direção a nós. Meu marido chegou ao necrotério com cara de horror, os olhos esbugalhados, a boca torta. O cérebro foi embora com

o crânio que fez um estalo como o de uma Coca geladíssima sendo aberta, daquelas de garrafa de vidro. Eu fiquei bem no meio da avenida, fiz um bate-volta nos pneus do busão. Minha blusa levantada e eu pagando peitinhos para uns escrotos que não param de tirar fotos. Todo o IML está sabendo que chegarei em breve. Eles festejam, festejam.

A cama fria e uma fila de homens para me devorar. Ao lado de mim uma menina, é uma menina… doze anos… No máximo… De que podem morrer as crianças? De corte no dedo? De tropeço? De vontade de comer doces? De choque? Eu não sei. Está morta, tão morta quanto eu, e a fila para ela é maior que a minha.

CONCEIÇÃO RODRIGUES — Natural de Arcoverde e radicada no Recife, a autora é graduada em Letras, mestre em Estudos da Linguagem e professora da rede pública. Recebeu menções honrosas no Prêmio Pernambuco de Literatura com os livros Corda para nós e 323. Publicou os livros *Molhada até os ossos* (2020), *Os dedos das santas costumam faiscar* (2021), *E Deus não acudiu ninguém* (2023) e *Para dançar na cerca elétrica* (2025), todos pela Editora Patuá.

O CURIOSO INCIDENTE DO CACHORRO NO MEIO DA NOITE

YVONNE MILLER

O CURIOSO INCIDENTE DO CACHORRO NO MEIO DA NOITE

The curious incident of the dog in the night-time, do autor inglês Mark Haddon, é um maravilhoso romance juvenil, em que um adolescente investiga o assassinato do cachorro da sua vizinha e acaba descobrindo verdades incômodas sobre sua família e o mundo. O protagonista e narrador da história é Christopher, um menino de quinze anos no espectro autista. É através dos seus registros escritos sobre o caso do cachorro Wellington que vamos conhecendo os personagens, o entorno de Christopher, sua relação com o pai – desde a morte da mãe, pai solo –, e também seu jeito de enxergar o mundo. Christopher sabe de memória todas as capitais do mundo, além dos números primos até 7057; adora padrões e animais; possui uma memória fotográfica; tem dificuldades para compreender piadas, metáforas ou o comportamento humano; sente medo de multidões, pessoas ou lugares desconhecidos; detesta as cores amarelo e marrom; é extremamente sensível aos estímulos e, por isso, odeia ser tocado. Como se tudo isso fosse pouco para criar um protagonista complexo e adorável, ele ainda é

um gênio matemático e patologicamente incapaz de mentir. O título do livro em português é *O estranho caso do cachorro morto*.

Outro caso, bem menos curioso e bem menos estranho – a não ser que usemos os adjetivos como ironia –, é aquele que tomou as redes e as ruas nas primeiras semanas do ano. Nele há um cachorro de rua torturado e morto, um grupo de adolescentes de famílias ricas e influentes, um porteiro que viu e filmou, uma juíza amiga da família, um delegado que seria ex-aluno do advogado de defesa, denúncias de coação de testemunhas por parte de parentes de um dos adolescentes, o porteiro que de repente não teria visto nem filmado nada, a polícia que diz não ter provas. Não precisa ser um gênio matemático para somar um mais um.

Dizem que a comoção e indignação que a violência contra o Orelha causou Brasil afora foi capaz de juntar esquerda e direita, o que seria uma boa notícia: significaria que ainda existem causas em comum, causas que são caras à sociedade brasileira, causas que vão além do político de estimação de um lado ou do outro. Causas como justiça e humanidade. Talvez fôssemos mais felizes como sociedade se focássemos mais nas causas e lutássemos juntos para alcançá-las em vez de apoiar tal coisa porque a proposta vem do Fulano ou

ou desaprovar tal iniciativa porque é coisa do governo do Beltrano ou varrer para baixo do tapete o escândalo do Ciclano porque é do partido xis. Talvez, após publicar esta crônica, eu vá apanhar dos dois lados. Talvez eu seja simplesmente ingênua. Talvez nem exista de fato essa junção da sociedade pelo Orelha. Não demoraram em surgir comentários nas redes querendo desarticular, desmerecendo as manifestações que exigem justiça. Talvez não exista causa comum, só um monte de lutas individuais e cada um acha que a sua luta merece estar na frente da luta dos outros. E enquanto brigamos entre nós sobre a ordem na fila das lutas, reina a impunidade.

Mas não é só sobre o Orelha. Não é só sobre o Orelha porque ele é apenas a famosa ponta do iceberg. A pequena ponta que ficou dolorosamente visível, como amostra do que tem escondido embaixo: uma banalização da violência entre jovens, violência pela violência, violência com o único fim de causar sofrimento, violência por diversão, violência compartilhada e incentivada nas redes sociais, violências pelas quais, na maioria dos casos, não há responsabilização. Não precisa ser filósofo, psicólogo ou especialista em lógica quântica para entender que a falta de responsabilização é um convite para continuar.

E talvez a próxima violência não seja mais contra um animal. Talvez seja contra uma criança, um outro adolescente, uma pessoa com deficiência, uma pessoa idosa, uma pessoa de outra cor, de outro gênero, de outra etnia, de outra religião, de outro país, de outro grupo social, de outra orientação sexual ou política, de outra opinião, de outras formas de enxergar o mundo; contra um morador de rua, uma mulher voltando pra casa sozinha, um indígena dormindo num ponto de ônibus – nada que não tenha acontecido já.

Estudos mostram que existe um elo entre a violência contra animais e contra pessoas. Que quem foi cruel com animais na juventude tende a ser violento com pessoas na idade adulta. Que em casos de violência doméstica, sexual e contra crianças, uma grande parcela dos agressores tem histórico de violência contra animais.

É por isso que as lutas contra a violência estão interligadas. E é por isso que não é só sobre o Orelha. Mas se fosse, também já bastaria.

Santa Luzia, início de fevereiro de 2026

YVONNE MILLER (1985) é alemã de nascença, brasileira de alma, apaixonada pela crônica, linguista, admiradora de cactos, geminiana e muitas coisas mais. Tem crônicas e contos publicados em várias antologias, entre elas “Crônica Popular Brasileira” (Mirada, 2024), e escreve quinzenalmente para a revista “Rubem”. É uma das organizadoras da coletânea de contos “Quando a maré encher” (Mirada, 2021) e autora de “Deus criou primeiro um tatu – Crônicas da mata” (Aboio, 2022). Atualmente está finalizando seu próximo livro.

OS MESMOS DE SEMPRE

LISA ALVES

Fotografia de Ahmed al-Arini . Saiba mais: clica aqui

OS MESMOS DE SEMPRE

quantos dias
para o estancamento
de todo esse sangue?

Não sei/não sabemos

quantas horas
para o fim de uma estrada
onde só se caminha de costas?

Não sei/não sabemos

visito o mar que lançará para a superfície
todos os meus primeiros sonhos descartados
todas as minhas não travessias
todos os recuos que fiz por acreditar
em uma narrativa que nunca foi minha
ou foi?

Não sei/não sabemos

uma narrativa que gera todos os dias
antagonistas que nunca morrem
embora sejam os primeiros
os mesmos de sempre
os mesmos de um tempo
que não éramos
completamente humanos
ou éramos?

Não sei/não sabemos

os mesmos que cercaram tudo e deram nome às coisas
Lembra?
os mesmos que inventaram cartórios, registros e cercas
Lembra?
os mesmos que inventaram doenças
para depois venderem a salvação
Lembra?
os mesmos que mediram o C14 dos fósseis

para depois mentirem que a Terra era tão nova
quanto os falsos documentos de posse
Lembra?
os mesmos que ocultaram a tortura
os genocídios, as invasões e os golpes
Lembra?
os mesmos que almejaram
manter o planeta como um grande jardim
um jardim para meninos tolos
continuarem se arrastando
e brincando de guerra
Lembra?

em nome de Deus
em nome de Javé
em nome de Alláh

um jardim para meninos tolos
enterrarem suas bonecas mortas
Lembra?

em nome do pai

em nome do filho
e do espírito santo

Qual era mesmo o nome dele?
Não sei/não sabemos.

.....

“Os mesmos de sempre” integra o capítulo “Mar Vermelho”, do livro Jardim de Pragas (Editora Patuá, 2025).

LISA ALVES é escritora, videoartista e roteirista nascida em Araxá (MG), com atuação entre a literatura e o audiovisual. É autora dos livros Arame Farpado (2015), Quando tudo for possível (Mirada, 2022) e Jardim de Pragas (Patuá, 2025). Em 2025, venceu o Prêmio Nacional CEPE de Literatura com o romance infantojuvenil *A menina que não queria ver Deus,* com publicação prevista para 2026, além de receber o Prêmio Nacional Motus (UNIPAMPA) de melhor leitura crítica.Sua trajetória inclui trabalhos em poesia, videopoema, animação e cinema experimental, consolidando uma produção marcada pela pesquisa estética e pela criação de narrativas híbridas entre o texto e a imagem.

Foto de Tristan Sosteric na Unsplash

SOBRE EXISTIR, NA PRÁTICA

GERMANA ACCIOLY

SOBRE EXISTIR, NA PRÁTICA

Ocupadas demais para serem feministas, na prática.
Ocupadas demais para olhar para fora.

O último mês foi uma verdadeira revolução, quase um inferno astral fora de época, se é que isso existe. Este é um relato pessoal, de uma experiência que, se hoje, desejo partilhar, é por acreditar que é imensamente necessária a reflexão coletiva.

Levei um baque tão grande que emudeci. Foi preciso parar, refletir, redesenhar cenários de vida. **Todo golpe profundo tem sua mensagem.** A primeira delas é, de cara, que sim, o poder e o dinheiro rondam e podem impregnar a nossa militância.

Não estamos imunes ao capitalismo e toda a sua cadeia. Se acredito em Paulo Freire, sei que os efeitos da doença do poder podem se manifestar em todas as pessoas. É preciso estar vigilante. Não sei se agradeço por não perceber o que estava em curso, ou se olho para mim com certo desdém. Essa confiança absurda que tenho no caráter das pessoas, na vida, nos processos é veneno e remédio. Pensando melhor, desejo assim

continuar.

Neste duelo permanente, **chego a acreditar que o feminismo se perdeu no caminho,** desaprendeu lições. Fazer o enfrentamento de questões sociais estruturais requer aprender o que diz bel hooks: "O amor é o que o amor faz". Leia aqui a expressão amor com a maior amplitude que você possa alcançar.

Não existe transformação social quando nos utilizamos das mesmas ferramentas que produzem nossas gaiolas. Falo isso com pesar, tentando diluir a densidade de existir. As bandeiras que carregamos precisam sair dos mastros e atingir dimensões humanas.

No olho do furacão, paradoxalmente, o silêncio é sepulcral.

No ápice da angústia, a solidão e o isolamento batem de frente com a filosofia do acolhimento e falam mais alto.

– Mexeu com uma, mexeu com todas, aprendi em lições anteriores.

A teoria confronta a vida, infelizmente. O sistema premia o erro, replicando perversamente o procedimento padrão.

Lembrei das mulheres vítimas de abuso sexual que, culpabilizadas e invisibilizadas por um crime que não cometeram, passam a ter vergonha de quem são. **Senti vergonha de não compreender pessoas, situações**. E se não o fiz, foi por ser analfabeta em algumas linguagens. Ter vergonha de estar vulnerável é dos piores sentimentos.

O que mais incomoda, instiga e intriga é que são mulheres líderes que "abafam o caso". Mulheres que certamente já foram silenciadas. Ninguém que estava envolvida na rede teve uma atitude de amparo, escuta. As poucas conversas que tive, entrecortadas, claramente percebendo que as interlocutoras escolhiam "as boas" palavras e expressões, foram provocadas por mim.

Nenhum gesto efetivo de mediação foi feito. Tudo estava bem higienizado para que todas ficassem de mãos limpas no processo. Nessas horas, **o jurídico vale mais do que o humano. É a melhor blindagem**. Mensagens orientadas por advogadas, vazias de sentidos.

O mundo se apresentou uma escada sem corrimão, um carro sem freio, um barco sem leme. Mensagens lacônicas, o calendário correndo, a violência contaminando meu emocional.

A reprodução do modus operandi machista e patriarcal foi o que mais assustou, ao ponto de duvidar da minha capacidade de discernimento.

Não estamos construindo uma democracia feminista, não estamos trabalhando a transformação dos paradigmas. Estamos apenas mudando as lideranças e fazendo o que o sistema nos ensinou: punindo, castigando, diminuindo e sinalizando que o poder e o dinheiro são os senhores.

Estamos reproduzindo as estruturas que desejamos combater.

Nas minhas andanças, também estava presente o adoecimento que a política e a militância provocam. Eu já havia detectado esses sintomas quando escrevi o Relatório dos Mandatos Ativistas no Brasil.

Tenho a convicção de que o ativismo precisa estar mais preparado para entrar no jogo vil da política institucional, sob pena de reproduzir e provocar burnout e violências aos montes.

A sociedade precisa, urgentemente, se revisar.

Nos últimos anos, ouvi muito sobre a renovação de governança, a força coletiva das mulheres, a importância de alternância de poder e equidade. Sempre fez todo sentido para mim, aliás.

Dediquei anos da minha vida a uma trajetória coerente baseada nesses princípios. Eis que me vejo desamparada, justamente, por mulheres.

Democracia não se aprende só na escola. **Democracia, ética e coerência a gente traz no peito.** "Não pode haver amor sem justiça", ouço de bel hooks.

Este é um desabafo e um alerta com base no que me acometeu, mas não é um caso isolado. Falo de mim, mas quantas de nós têm vivências semelhantes?

Quero seguir acreditando que a vida tem a me presentear com um horizonte amplo, uma ciranda que em seu ritmo traz o extrato do que acredito. Mulheres que olham e se reconhecem, na prática.

O futuro é vasto e nunca é tarde para transmutar. A impermanência é o melhor dos antídotos, ensinando que tudo passa e novos cenários se erguem. É assustador perceber que, com eles, a força para lutar vem mais límpida. **Para construir um mundo outro, vamos precisar de todas, no mundo.**

GERMANA ACCIOLY é jornalista, especialista em Política e Representação Parlamentar pelo CEFOR em Brasília e em Política e Cultura pela Agecif, Paris. É autora do Relatório dos Mandatos Ativistas no Brasil (2023). É cronista, publicou textos em diversas revistas e sites e lançou seu primeiro livro, “Não é Sobre Você” , em 2021. Participa da coletânea “Crônica Popular Brasileira”, ambos pelao Selo Editorial Mirada.

Mirtes Renata, mãe do menino Miguel : clica aqui

TRAGO FOGO

DANIELLE FREITAS

TRAGO FOGO

“A linguagem silenciosa engendra fogo.
O silêncio se propaga, o silêncio é fogo.”
(**Alejandra Pizarnik**, *O inferno musical*)

I

quero ser a página aberta
do livro devorado
pelo fogo
que insaciável
desfaz os versos sagrados
e em desespero
consome a sílaba
as letras
o cerne da palavra
rasga o verbo

ali onde a língua
recém-exposta
arde
onde a linguagem
pulsa
famélica
voraz
imersa em desejo
com a ânsia
dos sons e dos gestos

II

lanço a primeira labareda
me revelo chama ardente
incessante
resistente
corpo ígneo
consciência envolta em brasa
alma inflamada

fortaleza ancestral
carbonizada
minha existência
de ardência flamejante
devora-te:
explora tua matéria
transforma-te em cinzas
e sob a terra te dispersa

FORMA E MATÉRIA

forma e matéria
num frenesi de brasas
na despedida de
uma noite incendiária
eu transmutava
acordei água

DANIELLE DE SANTOS FREITAS mora em São Luís, onde nasceu, e é doutoranda em Ciências Sociais pela UFMA. Pesquisadora, escritora e poeta, é autora do livro *Asfixia* (2025), publicado pela Editora Patuá.

TRECHO DO CAPÍTULO “XXIV” DO ROMANCE “DO TAMANHO DE UM GRÃO”

N. NETTA

CAPÍTULO XXIV

Era um espaço apertado e a luz estava apagada. Enfiei o braço para encontrar o interruptor. A janela estava fechada, trancada por ferrolhos e reforçada por uma barra de ferro. No centro do cômodo, ficava uma maca estreita e forrada de corvino preto e, por cima, havia um lençol.

Senti aproximar-se a minha hora.

Contrário à porta por onde entrei, encostada na parede, havia uma mesa auxiliar de metal, comprida, pintada de branco e com descascados. Em cima da mesa auxiliar, todo o necessário para o aborto: frascos com líquidos coloridos pelo meio, vasilhas de plástico com algodões e gazes, bandejas e cubas de aço inox, pontas afiadas de bisturis, pinças e tesouras, caixas de luvas cirúrgicas, seringas, ampolas, esponjas, rolos de papel toalha, estojos fechados, panos e um aparelho de pressão.

Os instrumentos em posição de sentido.

Eu vestia a blusa com a qual havia saído de casa, uma malha de mangas curtas, branca, me caindo sobre as coxas, e calçava meia soquete rosa quando me deitei na maca, de barriga para cima, pernas e pés esticados. Senti frio. Dobrei as pernas, cruzei os braços e enlacei as mãos para proteger o peito, subindo e descendo, a esmo, correndo do perigo, eu estava na boca do perigoso, caralho!

Um homem de jaleco branco, cabelos pretos e escorridos apareceu e apresentou-se por dr. R: era a voz que me convidou a entrar na sala, segundos antes.

Escutei o barulho de água correndo, virei a cabeça e vi uma torneira numa pia branca, um sabão em barra amarelo e uma escovinha de cerdas curtas e duras. O médico ocupava-se em ensaboar e esfregar os punhos, as mãos e as unhas. Ao terminar, levantou as mãos: as mangas do jaleco branco caíram para trás, revelando seus braços.

Lembro das mãos já enluvadas e do instante em que ele

levou uma seringa à altura dos óculos e empurrou o êmbolo para cima. Da agulha fina e longa gotejou um líquido transparente. Dr. R pousou a seringa carregada em uma cuba vazia de aço inox em cima da mesa auxiliar e falou que iria me aplicar um anestésico local. Retesei o corpo. Descruzei os braços e levei as mãos em concha até o púbis, senti os tocos de pelos duros e minúsculos varando a minha pele esfolada pela lâmina de barbear.

Antes de injetar o entorpecente, dr. R levantou a minha blusa até a altura do umbigo, abriu meus joelhos e afastou as minhas pernas usando as mãos, as luvas finas pareciam fazer parte dos braços dele. Deslizou-as através das minhas coxas, até chegar à curva da virilha. Pediu que eu colocasse meus braços ao lado do meu corpo. Cerrei o lençol nas mãos. Por um momento, senti forte o cheiro doce de éter desprendendo daquele homem de feições incertas a quem eu me entregava.

O médico deu a volta na maca e ficou de frente para o meu sexo, entre as minhas coxas abertas. Arrastou para

perto de si um foco de luz que estava ao pé da maca. Acendeu-o, puxando uma cordinha. Observou-me. Não disse nada.

Curvou-se, pressionou uma mão no topo do meu ventre, jogou o peso do corpo sobre mim e penetrou-me com dois ou três dedos enluvados da outra mão.

N. NETTA é mestre em Teoria da Literatura, especialista em Escrita Criativa e jornalista. “Do tamanho de um grão”, apresentado por Isadora Pontes e publicado pelo Grupo Editorial Quixote, é seu romance de estreia.

PRESTA ATENÇÃO: PÃE NÃO EXISTE!

MILA NASCIMENTO

PRESTA ATENÇÃO: PÃE NÃO EXISTE!

Campinas, maio de 2026

Querida mãe solo.

Como é que você está?
Não sei nem porque eu fiz essa pergunta. Desculpe-me.
Sei que você não está bem.
Ninguém fica bem fazendo sozinha o serviço de dois.
Cansada, esgotada.
Deve estar juntando uma grana extra para o passeio da escola que sempre acontece no final do 1º semestre; ou para o novo par de óculos porque o grau da cria aumentou - excesso de tela.
Ou ainda para o tênis que todo mundo tem ou a roupa que a influencer indica naquele app de videozinhos repetitivos e enlouquecedores que convencem nossa cria a usar.
É pesado.
Muita demanda, pouca oferta de dinheiro, de cuidado e de afeto com você.

Se reclama, alguém vem logo dizendo que é melhor engolir o choro porque os teus filhos não podem ver você sendo “fraca”.

Bizarro.

A essa altura do mês, já deve ter tido a Festa do Dia das Mães de novo e ver aquele monte de “família perfeita” pode ter te deixado meio envergonhada, com aquela sensação de *não lugar*.

Raiva também pode ter reverberado aí dentro. Normal.

Essas festas só servem para constranger famílias diferentes do padrão tido como normal pela sociedade. Para quem está “fora da curva”, funciona como se ali os outros estampassem na sua cara o rótulo: FRACASSOU NA FUNÇÃO DE MANTER A FAMÍLIA.

Eu suspiro só de pensar. Meus braços doem e a cabeça também.

Você sente dor de cabeça? Má digestão? Imunidade no pé.

Eu sentia muito. Ainda sinto.

E o almoço no domingo das mães?

Filas gigantescas nos restaurantes, flores compradas no supermercado, memes fofos e um fulano chega e diz: “Parabéns! Você é incrível! Uma super mãe guerreira! Na verdade, mais do que isso, você é uma PÃE.

PRESTA ATENÇÃO: PÃE NÃO EXISTE!

Tão violento isso que fazem com a gente...
Você não pode assumir a função do pai da sua criança.
VOCÊ NÃO É O PAI DA SUA CRIANÇA!
Não vai rolar.
Você vai ficar esgotada, vai gastar energia com algo que poderia ser benéfico para você enquanto pessoa, para suprir uma falta que não é sua.
Sabe, nenhum projeto a dois vai bem quando é feito só por um. Fica capenga, entende? Eu sei que a gente passa muito tempo tentando dar conta, ser a mãe perfeita e ainda cumprir o papel de pai, mas não está certo. Você não fracassou, a culpa disso tudo não é sua.
Respira.
Amiga, a gente está em um país onde mais de 11 milhões de mulheres cuidam de suas crianças sozinhas. Tem um órgão que faz esse tipo de pesquisa chamado Fundação Getúlio Vargas e eles trouxeram uns dados sobre isso, dizendo que nos últimos 10 anos houve um aumento de 17,8% na quantidade de mulheres que se vivenciam de forma solitária, o cuidado de suas crianças.

Louco isso, né? Louco e triste, mas serve para te dizer que você não é a única.

Minha vó dizia que quando a gente divide a dor, ela fica mais leve e fácil de carregar.

Sabe, quanto aconteceu comigo eu também tentei ser a “Pãe”.

Trabalhava por dois, gastava por dois, fazia coisas que eu não gostava (jogar videogame, assar churrasco, brincar de lutinha, usar boné) só para fazer meus filhos não perceberem o buraco. Mas ao fazer isso, quem foi caindo no buraco fui eu.

Fibromialgia, hipertensão arterial, dois períodos de Burnout graves, perda de 18 kg seguido de ganho de 22 kg

Um dia, eu estava na minha varanda chorando muito, pensando nas muitas dívidas e poucas oportunidades de resolver, quando minha filha mais velha chegou e me perguntou o que estava acontecendo:

Como vai ser agora só eu e vocês três?

Ah, mãe! Normal. Sempre foi assim

*

Naquele dia, eu me dei conta que mesmo no casamento eu já exercia minha maternidade de forma muito solitária e e consequentemente, sobrecarregada.

Tem uma filósofa brasileira que eu gosto muito, a Marcia Tiburi.

Ela fala sobre o mito da mulher forte e como isso representa uma ficção machista, pois nos ensina a suportar todo e qualquer tipo de violência.

Sabe, eu sei que mudar padrão é muito difícil, mas a gente precisa tentar.

Esse papo de ser Pãe e sentir orgulho disso é uma furada.

Te esgota, ensina suas filhas sobre um padrão de mulher guerreira que só nos adoece e ensina nossos filhos homens que o normal é isso mesmo: ter uma mulher forte que dê conta de tudo a ponto dele achar normal ser um pai ausente.

Seja apenas a mãe. Faça apenas a sua parte.

E eu não estou aqui falando sobre não trabalhar um pouco mais porque a necessidade muda. Isso a gente vai fazer. Não tem jeito.

O que estou falando é sobre assumir papeis que não são seus e que só servem para fortalecer padrões disfuncionais de masculinidade.

Seja a mãe que consegue ser.

Mostre seus medos e fale dos seus sonhos para suas crianças. Converse com eles, mostre suas vulnerabilidades.

Quando eu me dei conta de que era apenas a mãe, na totalidade do meu existir enquanto indivíduo, eu voei.

Nossa família conheceu novos caminhos, mais coloridos, mais alegres e mais potentes.

MInhas filhas já sabem dizer não, aceitam descansar, respeitam seus próprios corpos e limitações físicas de trabalho.

Meu filho exercita o ato de cuidar seja de forma lúdica, com brinquedos; seja de forma real como primo carinhoso e responsável com os bebês da casa.

E como dizia Renato Russo,

“ nossa história não ficará,
pelo avesso assim,
sem final feliz.
teremos coisas bonitas para contar.

E até lá, vamos VIVER.
Temos muito ainda por fazer.
Não olhe para trás, apenas começamos.”

Desejo que você também consiga, mana.
Abraço apertado,
Mila

MILA NASCIMENTO - Nascida em São Paulo, em 1979, e radicada em Campinas, Mila Nascimento é médica endocrinologista, especialista em sexualidade humana e escritora. Premiada no 57º FEMUP, em 2022, publicou livros de poesia como *Poemas Paridos de Cócoras, Poemas para antes do banho,* durante o café e depois do abandono, *Poemas de Amor e Outras Taquicardias* e *Doutores não sabem dançar*. Também é idealizadora do **Clube Literário de Fortalecimento Feminino Capitolinas** e integrante do movimento **Neomarginais**.

MORRE LENTAMENTE NA FAIXA DE GAZA

PAULA VALÉRIA ANDRADE

Foto de Emad El Byed na Unsplash

MORRE LENTAMENTE
NA FAIXA DE GAZA

morre lentamente

na Faixa de Gaza

gente

com fome

sede

sujeira

morre lentamente

crianças

mulheres

bebes

sem água

higiene

poeira

sem teto

morre lentamente

morre lentamente

feridos

hospitais

bombardeados

sem remédios

morre lentamente

gente

entre destroços

ruínas

bombas

horrores nas esquinas

morre lentamente morre lentamente

morre lentamente ____ lentamente

SUPERMODELOS

Cabelos, olhos boca
Super zelo
A flor da pele e do pelo
a causar sedução a queima-roupa

Cosmeticos sinteticos de mercado
a vender barato
A mais nova droga petroquímica
que te emoldura
Bonita e chiquita
na fashion ditadura

Oficio de super-modelo
Carne dura
de muito malho,

Fissura de secura
em ser cabide,
de vitrine ou de armário.
Pós-moderno

E tanto faz se é terno,
Jeans, top, corpete,
Saia rodada, mini, alongada
ou um overcoat

No balanco do andar na passarela
A ordem é ser “the most”
E não exatamente a mais bela
(Contanto que seja magrela)
Mas tenha o swing do “approach”
Fama da novidade que se constroi
Ao alcance do sucesso milionario
Como capa do mês da Playboy

Ou nova namorada do jogador de futebol (ou do galã do noticiário) Que tanta gente vê por aí como super-herói

Super-modelo de gloria
Voa alada ao lado
Da deusa Victoria
Guarda todos seus Secrects
na roupa de baixo
Provocando todo instinto do macho

Heroina (esse vicio de menina)
TopTopTop Model
Do super fantástico
- Superprabacana -
Anuncio do comercial
fotos, outdoors, billboards, TV's,
Algumas embalagens
dos produtos de bebes,
ou propagandas de automóvel,

ou cerveja ou o que seja.

Marcas, logos, trends, labels
o que se veste, come, fuma,
Dirige, ou vai lá no bar beber

“The dice is on the table”...

Por entre homens de poder
Fumando seus charutos
Decidindo as cartas marcadas
para poucos “good looking’s sortudos”

Vida glamourosa
Repleta de Chandon
festas charmosas,
com poodles,
carros importados
e perfumes cor-de-rosa

Barbies caucasianas ou caboclas
De pouca carne, muito silicone
Implante de cartilagem
Depilação a laser de emergente
(Mais o resto q sobra de gente)

Imagem e clone em piratagem
Da helênica grega beleza
(Cariátides esculturais)
Para adornos de cama e mesa
Nas fantasias masculinas/femininas Parâmetros irreais
dos globais de beleza Recheadas de voyeurs-bobagens
Ou lascivas libertinagens

Desses jocosos desejosos
Da superfície muscular
Foge visualizar a real identidade
Desse super-humano em vitrine de exposicao (Tipo
produto exportação)

E tanto faz na plateia
O mergulho profundo
No individual mundo existente da nao-materia –
Epicentro –
Dessa mulher e sua realidade
Sem a maquiagem fake
De celebridade

Paradigma Pop Star
Do consumo de passagem

Multiplicação nociva da fixação adesiva
De colecionar figurinhas carimbadas

Papo para saciar popular massiva
Insanidade (Dos que se lambuzam e se embriagam) De
Afrodite no desejo
Obsessiva compulsividade
De um rato comendo queijo

Fast-pace da modernidade
E do tal estabilishmment dejavu
Da impessoalidade

Não sei mais aonde foi parar a Zen Serenidade
Para enxergar as pessoas de verdade.

XERIFES DO SUBMUNDO

O gatos xerifes dos ratos do submundo
Criaturas oficiais,
(Official Creatures), os da lei:
Policiais falando do nada
oficiais considerando, questionando
Seguranças uniformizados argumentando
O nada.

Comando nas ruas
dos que tem crachá,
o papo do nada
cheio de ar
da falta de assunto
do vazio.

Realidade
cenário duro
brotando meninos
perdidos no asfalto.

WARDROBE - GUARDA-ROUPAS - KLEIDERSCHRANK

Pendurei velhos fantasmas,
no armário.
Tranquei as portas,
apesar da existência
das frestas.

Pendurei as roupas
dos personagens
que não mais represento,
ou que habitam
distantes paisagens sonoras.

Pendurei o passado e os recados.
Pendurei nos cabides
a máscara,

joelheiras,
chuteiras,
e a toalha.
Tirei as correntes.
Desabotoei os dentes.
Cortei as cordas.

Reanimei os sentidos. Acalmei os
ouvidos. Olhei através do vidro.

Voltei a ser gente,
caminhando leve
e livre e solta, de repente.

Do livro *Amores Líquidos e Cenas*, 2018

PAULA VALÉRIA ANDRADE é poeta, escritora, designer gráfica, professora de cinema e artista audiovisual. Realizou 22 filmes e 70 peças de teatro como diretora de arte, cenógrafa e figurinista, entre São Paulo e São Francisco, CA. Publicou mais de 30 livros de poesia, contos, didáticos, infantis e antologias. Criou a SPVI Books Editora há 5 anos, em São Paulo.

POEMA DO LIVRO "CANDURA"

ALICE MONTEIRO PUTERMAN

II

eu te prescrevo acupuntura
fratura de ossos calcificados da maneira errada
tilápias para tratar queimaduras
cirurgia sem anestesia
eu quero que você se cure
do jeito mais excruciante

pra você entender
o que me fez passar

eu quero que você floresça
mas crescer dói
faz a gente ter que sair da gente
e virar parasita
pra entender o que é ser outro

eu quero que você se limpe
de tudo aquilo que você nem sabe que fede

talvez assim
suas mãos parem de cheirar à morte

talvez assim
haja esperança pra você

ALICE MONTEIRO PUTERMAN nasceu em Petrópolis (RJ) em 2002 e vive atualmente na capital fluminense. Graduanda em Pedagogia, com passagem pelo curso de Letras na UERJ, dedica-se também à especialização na área de inclusão. Autista com mutismo seletivo na infância, encontrou na palavra escrita a primeira linguagem que conseguia acessar. ***Candura***, seu livro de estreia, é fruto de seis anos de escrita sobre suas experiência com saúde mental e violência sexual.

OLHOS DE DAMASCO, OLHOS DE MEL

CINTHIA KRIEMLER

OLHOS DE DAMASCO, OLHOS DE MEL

Os ossos de Zahra sempre doem com o frio. Essa é a única coisa com a qual ela não se acostuma. As manhãs de 0° em Teerã já duram há dias. E mesmo agora que passa um pouco de uma da tarde, a temperatura não subiu. O chador de algodão grosso serve apenas para cobrir o corpo da menina. Assim obriga a lei. Aos 12 anos, ela poderia apenas usar o rusari para cobrir a cabeça, as orelhas e o pescoço, mas o trabalho de zabal-gardi é imundo. Uma catadora de lixo sabe que a poeira e o cheiro fétido dos restos podem deixar uma pessoa doente. Mesmo que essa catadora de lixo seja ainda uma criança. Ou deveria ser. Além de se esquivar das agulhas, dos cacos de vidro e do sangue esparramados pelas caçambas, Zahra precisa, acima de tudo, se proteger da vergonha de estar ali. Usando o chador, ela não é reconhecida. Usando o chador, ela escapa do assédio dos homens. O chador só não consegue esconder os seus lindos olhos cor de damasco fresco.

Faz tempo que ela não ergue esses olhos. Desde que o pai ordenou que ela saísse da escola para viver no meio do lixo. Desde que ela descobriu que para ela não há sonhos. Sobreviver é o bastante. Ela

sabe disso. Assim que sair da casa dos pais, dentro de uns anos, vai ser escravizada de novo. Por um marido, pelos próprios filhos, pela miséria de sempre.

Zahra não quer crescer. Pelo menos ali, junto às caçambas onde os ratos disputam com ela os restos de tudo, ela está sozinha. E nos últimos anos ela aprendeu que ser sozinha é privilégio.

Ainda assim ela agradece a Alá todos os dias pelos pares de tênis velhos e pelas roupas que encontra nas caçambas. Ao pai só interessam os materiais descartáveis que podem ser reutilizados.De resto, ela pode pegar o que quiser.

Zahra não tem medo de nada. Aos três anos, foi morar com a avó, depois que os pais ficaram feridos num atentado terrorista. Assim que se recuperaram, não foram buscá-la. Como se ela fosse um animal ou uma roupa emprestada. Uma boca a mais para comer do alimento escasso nunca é bem-vinda.

Morou com a avó até os 8 anos. Aos 7, a mulher a mandou para a escola. Um ano de coisas boas. As letras, as palavras, a leitura. Coisas que passaram a pertencer só a ela. Até que o pai apareceu e a levou da escola. Em dois dias ela já estava mergulhada nos aterros sanitários. Não houve explicação. De uma filha mulher espera-se apenas obediência e silêncio.

Nestes últimos quatro anos, Zahra tem sido uma improbabilidade. Tem escapado das agulhas, dos ratos, das doenças, do pai sempre zangado. Hoje, amanheceu infeliz. No caminho para o aterro, avistou um grupo de meninas que ia para a escola. Com elas seguia uma mulher mais velha. Seria a mãe? Ela não sabe dizer. Não sabe como são as mães que levam as filhas para a escola.

O barulho vindo do céu a distrai por um momento. É alguma coisa que ela já ouviu antes. Não faz muito tempo. As pessoas ao seu redor correm. Algumas não têm tempo. Como ela. Seu corpo é atirado para longe, mutilado.

É dia 9 de Esfand de 1404, 9:45 da manhã em Teerã. Os olhos cor de damasco fresco de Zahra estão abertos na morte, expostos pela pequena abertura do chador. Olhos que já haviam perdido o sentido bem antes de morrer. Estranhamente vazios. Estranhamente indiferentes.

***

No bairro de Rimal, em Gaza, a noite está fresca. Com a véspera do feriado de Eid al-Adha, as ruas de comércio estão cheias. Layan está feliz usando o hijab de seda novo que a tia lhe enviou de Istambul.

O tom de verde claro realça os seus olhos cor de mel e a sua pele dourada. Ela tem sorte. Não queria ter nascido com os olhos castanho-escuros das irmãs nem com a pele tão branca. Somente ela herdou os olhos amarelados da mãe. E talvez seja por isso que o pai sempre a trate com mais carinho. Para ela, nunca existe não.

Layan gosta de tudo em si mesma. Desde o nome, que ela vive contando para todo o mundo que significa "vida suave", até o tamanho dos pés, pequenos e finos.

Hoje, sua tia Yasna e ela estão fazendo compras para o feriado. Layan está agitada. É raro ela poder sair à noite. Além disso, a tia lhe deu pulseiras novas e ainda um pingente com a Mão de Fátima. Para proteção, ela disse. Layan se sente agradecida pela proteção, mas do que ela gosta mais é do ouro que acabou de ganhar. Ela gosta de se enfeitar e de se sentir bonita com os presentes que recebe. E sabe que a sua beleza atrai inveja. Tão linda assim vai atrair um bom marido, a mãe sempre repete.Mas quem se importa? Agora, tudo com o que ela sonha é fazer 16 anos e poder ir ao shopping com as amigas sem a mãe, as tias ou o motorista que a vigia constantemente. E existe ainda um outro sonho.

O curso de Medicina que ela quer fazer dentro de uns anos. Para isso se esforça tanto em estudar. Aos 12 anos, a sua curiosidade é atraída pelas mulheres que possuem profissão e trabalham. Ela ainda não entende, mas sabe que existe alguma coisa diferente no olhar dessas

mulheres. Alguma coisa que ela quer para si. Talvez porque elas não olhem para baixo. Mas uma coisa de cada vez. Por enquanto, estudar, usar joias e roupas bonitas, conversar com as amigas sobre o futuro já é o bastante.

Enquanto caminha, a alameda de oliveiras de uma casa chama a sua atenção. Ela acha lindas as buganvílias que se derramam nos murosem volta da propriedade, mas são as oliveiras, essas árvores imponentes, que a atraem mais, como se fossem soldados perfilados protegendo a casa.

Layan pensa no quanto gosta da tia. Ela sempre pensa em tudo. Hoje convidou duas amigas da sobrinha para ir com elas fazer compras. A tia sabe que meninas de 12 anos precisam da companhia de outras meninas de 12 anos.

São 9:30 da noite quando o motorista se aproxima com o carro para buscar o grupo. Mesma hora em que o bombardeio israelense atinge um prédio no bairro de Rimal e mata o comandante geral das forças armadas do Hamas.

Layan também morre.

Quando conseguem chegar ao seu corpo, os olhos cor de mel estão abertos. Encharcados de terror e de medo. Como os olhos dos que não querem ir.

Eu penso nas duas meninas. E me pergunto se se encontrarão em al-

-gum lugar, agora que os sonhos de uma e os pesadelos da outra foram interrompidos. Talvez em alguma ilusão chamada céu. Ou em alguma escuridão chamada nada.

Meninas de 12 anos precisam da companhia de outras meninas de 12 anos.

CINTHIA KRIEMLER é carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de *O sêmen do rinoceronte branco* (Contos, 2020). *Tudo que morde pede socorro* (Romance, 2019); *Exercício de leitura de mulheres loucas* (Poesia, 2018); *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance, 2017) – finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018; *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos, 2015) – semifinalista do Prêmio Oceanos 2016; *Sob os escombros* (Contos, 2014); e *Do todo que me cerca* (Crônicas, 2012). Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* a convite da Editora Penalux, em 2017. Tem textos e poemas publicados em diversas antologias e em revistas literárias. O romance *Viúvas de Sal* (Editora Patuá, 2023) está disponível para venda no site da editora.

NA PLENITUDE DO BICHO

ADRIANE GARCIA

I24

COLUNA

Máquina de esteio para suportar décadas
Moldada de engenhosas vértebras
Contra si a Lei da Gravidade
E o Tempo
Este, que por mais que não exista
Atua

Corpo se fechando
Corpo se aproximando
Da terra
A bruxa corcunda
Dos livros que eu lia
(“és pó e voltarás”)

PULMÕES

Um sopro divino e
Estou pronta
Para a troca:
Dou o meu primeiro choro

PERICÁRDIO

Capa

Que reveste a bomba

Muro

Que protege o ringue

ADRIANE GARCIA, poeta, nascida e residente em Belo Horizonte. Publicou Fábulas para adulto perder o sono (Prêmio Paraná de Literatura 2013, ed. Biblioteca do Paraná), *O nome do mundo* (ed. Armazém da Cultura, 2014), S*ó, com peixes* (ed. Confraria do Vento, 2015), *Embrulhado para viagem* (col. Leve um Livro, 2016), *Garrafas ao mar* (ed. Penalux, 2018), *Arraial do Curral del Rei – a desmemória dos bois* (ed. Conceito Editorial, 2019), *Eva-proto-poeta*, ed. Caos & Letras, 2020, *Estive no fim do mundo e lembrei de você* (Editora Peirópolis) e *A Bandeja de Salomé* (Caos e Letras, 2023)

Amal Khalil, correspondente do Al-Akhbar, morta emataque israelense à vila de Jebbayn, no sul do Líbano, durante o cessar-fogo de 2026 – Foto: AFPP

POEMA DE "CORPO-ILHA: POEMAS DE TRAVESSIA"

LUCIANA PINTO

TEMPESTADE

Tem parto de parir a si,
ficar só no deserto
desenhar sua paciência
e voltar.

Depois, ah, depois…
Vem o parto de partir os nós
Repartir?
Quem sabe.

BOTE

Nadei na chuva,
banhei-me em sal grosso,
roguei proteção

Vaguei sozinha
até um bote abraço

Suspirei cansaço,
fui meu próprio continente

A MARGEM DE SI

Uma alegria que dorme,
olhar opaco, preciso
falsear-se
fingir maturidade.
Roupa rasgada
corpo em carne viva.

Percurso longo
entre cicatriz e tatuagem

se custa a crer
nesse possível,
em que sempre nascem flores.

*ESTADO DE ESPÍRITO

Em que estado você vive?

Líquido, gasoso ou Bahia?

Pará ou sólido — nunca estive

Nem sei como seria

Com qual estado de Espírito Santo

você acordou hoje?

Maiúsculo, minúsculo ou de encanto

Seja como for

você banca?

Ou sua vergonha usa um manto?

E quando o Estado é maiúsculo
Precisa mesmo humilhar?
Usar a força do músculo?
Só pra poder ganhar

Se é mesmo o que se quer
Estado com democracia
Lembre-se que ela é mulher
E também se arma de poesia

---

*Poema inédito, de 2026

LUCIANA PINTO é uma mulher negra, pernambucana radicada na Bahia há 15 anos, com 52 anos. Assistente social de formação, atua há 27 anos no campo das organizações não governamentais, transitando entre o social e o cultural. É escritora, contadora de histórias e dançarina de ritmos populares, prestes a lançar seu primeiro livro de poesias. Com experiência no audiovisual, coordenou projetos sobre juventude, direitos e cultura popular. Mestra em gestão social, atua também na produção cultural e em pesquisas sobre comunicação e semiárido.

REFUGIADAS DA GUERRA NO SUDÃO ESPERAM ASSISTÊNCIA HUMANITÁRIA EM CAMPO NO CHAD

PEQUENA REPÚBLICA EM CINCO POEMÍNIMOS

SILVANA GUIMARÃES

PODER

cadeira alta:

a sombra cresce mais

que o homem

CORRUPTELA

mão invisível

carimba o silêncio:

cofre vazio

IMPUNIDADE

culpas prescritas:

a lei dorme vestida

de exceção

SIGILO

bocas fechadas:

o eco aprende cedo

a não retumbar

ESPERANÇA

entre rachaduras
nasce impaciente a luz:
ninguém a compra

PECULATO

a corrupção
não quebra cofres:
racha

não arromba portas:
abre licitações
para bolso vazio

não mata:
apenas decide
onde faltará a vacina

não troca festas pela fome:
sorri em fotografias

veste gravata corta fitas

não grita: despacha
o país em silêncio
timbrado

não tramita: emperra
até [enfim] ouvir dizer
corre que a pf vem aí

SILVANA GUIMARÃES nasceu em Belo Horizonte/MG, onde vive. Escritora, é formada em Ciências Sociais pela UFMG. Editora da Germina — Revista de Literatura & Arte e do coletivo Escritoras Suicidas. Revisou e organizou incontáveis livros de poesia alheios. Participou de várias antologias poéticas nacionais e estrangeiras. *O corpo inútil,* no prelo, é o seu primeiro livro de poesia.

“A liberdade de opinião é uma farsa se a informação sobre os fatos não é garantida

Hannah Arendt

Filósofa política alemã de origem judaica.

LITURGIA

TACIANA OLIVEIRA

X

mísseis hipersônicos russos
armas termobáricas israelenses
guerra civil em Dafur

um drone encontra
uma criança
um drone explode
uma criança

e estamos ansiosos
pela Copa do Mundo

LITURGIA

para Damares

O mofo de cada mentira,
o cinismo em decreto
a tradição de quem beija o céu
e alimenta o inferno.

O ócio, o cio e a censura
fazem da insanidade
uma prece sem cura:

— Que seja feita a nossa vontade...
E o resto que se foda!

TACIANA OLIVEIRA — Natural de Recife–PE, Bacharel em Comunicação Social (Rádio e TV) com Pós-Graduação em Cinema e Linguagem Audiovisual. Roteirista, atua em direção e produção cinematográfica, criadora das revistas digitais Laudelinas e Mirada, e do Selo Editorial Mirada. Dirigiu o documentário "Clarice Lispector — A Descoberta do Mundo". Publicou Coisa Perdida (Mirada, 2023) livro de poemas.

@miradajanela
www.miradajanela.com
www.revistalaudelinas.com.br
miradajanelacultural@gmail.com